

DF - cultura

ESPAÇO CULTURAL

Caixa Econômica investe R\$ 3,6 milhões em reformas para modernizar e ampliar teatro e galerias do Conjunto Cultural. Com as obras, que deverão estar concluídas em setembro, o espaço poderá abrigar espetáculos de grande porte e exposições de nível internacional

Arte em ambiente nobre

Klecius Henrique
Da equipe do **Correio**

O Conjunto Cultural da Caixa Econômica Federal (CEF), localizado ao lado da sede do banco no Setor Bancário Sul, estará de cara nova em setembro. Formado por um teatro, duas galerias e um museu, o espaço passa por reforma que consumirá R\$ 3,6 milhões dos cofres da instituição e o dará o título de um dos melhores espaços culturais do banco no país.

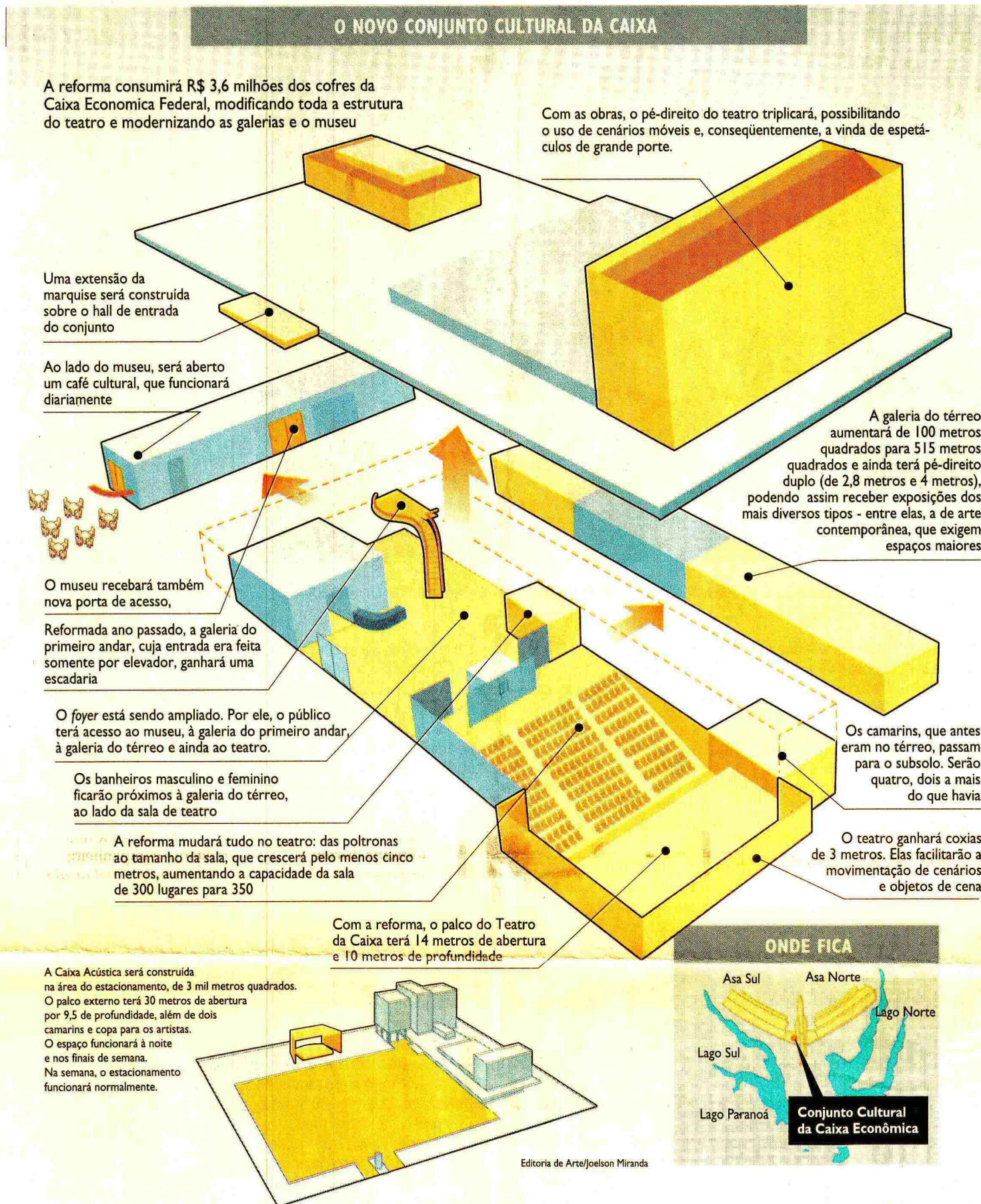
Iniciadas em 9 de abril, as obras vão reestruturar o teatro, as galerias e o museu. Também está prevista a construção de um café cultural e de um palco para apresentações ao ar livre, a ser erguido em frente ao estacionamento do conjunto. A Caixa Acústica, nome que rebatizará o espaço, terá 3 mil m² e será usada em eventos nos finais de semana ou à noite (durante a semana, o estacionamento funcionará normalmente) e terá capacidade para 3 mil pessoas.

A capacidade do teatro será ampliada. Com mais cinco metros, a sala poderá receber até 350 espectadores — 50 assentos a mais do que a atual. “Não teremos nada de luxo, mas teremos a tecnologia adequada. O teatro será moderno, mas não será exuberante”, informa Luiz Arrochela, superintendente de Relações Institucionais da CEF. O espaço não perderá a função de auditório e, como antes, continuará sendo utilizado para projeções de cinema e vídeo.

Segundo o superintendente, o teatro será totalmente modificado. “Ele será, de fato, transformado num teatro”, afirma Arrochela, explicando que o local foi construído, na década de 70, para ser apenas auditório do banco, embora viesse sendo usado como teatro.

Com apenas 3,4 metros, o pé-direito do Teatro da Caixa impedia a realização de espetáculos de grande porte, que acabavam transferidos para a Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional. Dessa forma, o teatro era utilizado apenas para a encenação de peças com cenário simples, monólogos ou pequenos shows de MPB. Nem mesmo as coxias estavam no padrão. “Elas eram muito pequenas”, admite Sônia Schuitek, gerente do Conjunto Cultural da CEF.

A reforma ampliará o pé-direito do teatro para cerca de dez me-



Desta vez, a galeria do primeiro andar ganhará acesso por escada. Hoje, a entrada se dá apenas pelos elevadores que levam à administração do conjunto e a outros departamentos da Caixa. Com pé-direito de 2,8 metros, a galeria, que permanecerá aberta ao público até próximo à conclusão da reforma, é indicada para qualquer tipo de exposição, exceto as de arte contemporânea, que exigem espaços maiores.

A arte contemporânea terá lugar garantido na galeria do térreo. Ela terá área ampliada de 100m² para 515m² e será dividida em dois ambientes: um também com 2,8 metros de pé-direito; e outro com 4 metros, podendo abrigar exposições de estilos diversos. A exemplo da galeria do primeiro andar, a temperatura (21°C a 23°C) e umidade (50% a 55%) será controladas. A nova iluminação da galeria está sendo criada pela equipe de Pieter Tjabbes (da Fundação Bial).

O Museu da CEF ganhará vitrine, iluminação e revestimento novos. A idéia, conta Sônia Schuitek, é facilitar a visualização das peças que contam a história da Caixa Econômica, como cadernetas de poupança de escravos (eles aplicavam no banco para comprar a cobiçada Carta de Alforria), e equipamentos que acompanham a trajetória da instituição desde a fundação em 1861, como, por exemplo, uma calculadora do século 19.

No subsolo do Conjunto Cultural, estará o acervo artístico do banco, formado por 900 obras — entre elas, telas de Cândido Portinari, Di Cavalcanti, Tarsila do Amaral e Antônio Poteiro. Pelo menos 370 destas obras estão em Brasília. O restante tem viajado o Brasil em mostras patrocinadas pela Caixa. A área abrigará os camarins do teatro, que serão retirados do térreo.

Com a reforma, o acervo do museu foi transferido para um depósito da CEF. Sônia Schuitek garante que as peças, tanto do acervo artístico quanto do museu, não sofrerão prejuízo algum neste período. Grupos e artistas que tinham pauta no teatro ou nas galerias também não terão prejuízos. Eles poderão cumprilas após a reforma. A reabertura deverá ser com exposição de um grande artista brasileiro. O nome ainda é mantido em segredo.

tros. O palco, com 14 metros de abertura por 10 de profundidade — pouco menor que o da Sala Villa-Lobos (16 metros de abertura e a mesma profundidade) —, estará apto a receber cenários móveis

e terá coxia com três metros.

O teatro será equipado com novos sistemas de som e de iluminação. As poltronas também serão substituídas, saem as cadeiras de auditório, com mesa para anota-

ções, e entram poltronas de teatro.

GALERIAS E MUSEU

O Museu da Caixa e as galerias do Conjunto Cultural passarão pelas mãos de

técnicos em climatização e iluminação. A galeria do primeiro andar praticamente não terá mudanças. Reformada no ano passado, “ela já está adaptada”, explica Sônia Schuitek.